

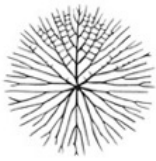
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

INCIDENTES, ESTALOS, ACONTECIMENTOS COMO MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA EM ARTE

Cláudia Leão
PPGARTES
Maria dos Remédios de Brito
PPGARTES

RESUMO: Não entraremos aqui na querela da tradição sobre a arte que vem dos antigos, como Platão, porém é possível observar por meio da história das ideias uma certa tendência em considerar a arte como um campo sem prestígio, um saber de menor valor, um conhecimento que não eleva o campo social. Tal perspectiva se torna cada vez mais forte com o advento da modernidade, composta por uma matriz de pensamento racionalista, objetivista e cientificista. Um dos grandes pensadores da modernidade, Francis Bacon, coloca em sua obra monumental, *O novo organom*, que arte não se converte em saber que possa oferecer ao homem e a sociedade progresso. Bacon, na mesma obra, faz uma espécie de elogio ao conhecimento científico, elaborando uma esquemática para o seu procedimento. Na mesma esteira racionalista, podemos observar o pensamento de Descartes, no *Discurso do Método*, onde mostra o caminho para se orientar no pensamento que possa conduzir a um saber indubitável. Assim, é possível notar que na história do pensamento a arte é vista sem dignidade e importância, portanto, não há uma preocupação em pontuar certos cuidados com a especificidade do seu saber. Se colocarmos isso mais próximo, observamos no interior das academias que os manuais de pesquisa estão recheados de como se deve produzir conhecimento, seus meios, seus procedimentos, suas técnicas, suas abordagens, contudo, em tais manuais de pesquisa a arte não é pontuada, não há crédito para esse saber. Zamboni (1999), chega a afirmar que não há sentido de se falar em pesquisa em arte. Ora, essa pesquisa, configurada de forma experimental,



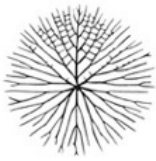
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

defende que o ensino em arte e a pesquisa em arte produz um saber próprio, que não tem e não deseja ser comparada e ou aproximada com um conhecimento objetivista. Arte tem seus próprios procedimentos. Se a ciência produz proposições, queremos pontuar que a arte cria blocos de perceptos e afectos, blocos de sensações, abrindo a vida a novas vibrações, sua lógica procede por meio de outras vibrações que passa pelo corpo, pela vida, pelos sentidos, pelas sensações, pelas materialidades experimentais. Tal experimentação não tem de nenhuma forma ligação com a repetição do dado e ou do fenômeno. Sua experimentação é com os movimentos, com as aberturas, os encontros vitais que atravessam o corpo daquele que está imerso a tal fazer, pensar, saber. Não se trata de buscar soluções, respostas, conclusões, metas futuristas, mas passa por uma espécie de coleta vital, extrair da vida, do mundo, ou criar mundo possíveis. Seu ensino seria possível? O que se passa neste ensino? Partimos da ideia que o ensinar e o aprender em arte, ensinar e aprender arte como prática da liberdade. Como na pesquisa, ensinar em arte requer atravessar uma lógica do sentido, sendo que tal sentido não está aí, porque não há o sentido, mas sentidos que podem atravessar pontos notáveis dos corpos singulares. O educar em arte pode partilhar suas técnicas, seus meios, seus procedimentos em aberturas, perspectivando que aqueles que estão no encontro com tal ensino são também livres para forjarem seus pontos de composição com este saber. O ensino passa muito mais por não saber, sendo dessa forma, que conhecimento em arte se multiplica em suas variações. Há no ensinar uma lógica paradoxal. A pesquisa tem como objetivo traçar um mapa experimental de um processo pedagógico com a pesquisa em arte em uma disciplina no curso de pós-graduação em arte. Tal processo pode ser constituído, (pois estão abertas a incidentes) a partir de três blocos: 1) Cadernos de Incidentes; 2) Exercícios teóricos; 3) A poética do Projeto de Pesquisa em arte.

1-Cadernos de Incidentes:

Baseado na escrita e na fala, em desenhos, rabiscos descontraídos/encontrados, cartas a serem escritas/reescritas, recados próprios para um caderno, rascunhos, e ou

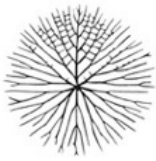


IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

mais formas de inscrições. Os Incidentes, em princípio, foi baseado em uma prática de escrita vivida com o Ryuta Imafuku, por uma escrita desprendida, construída a partir de acontecimentos de quando ele esteve Belém/PA em 2003, que também foi baseado nos Incidentes de Roland Barthes. Como pensar para seu projeto>dissertação, construído por incidente. A Arte é acontecimento, estalos... ao colocar-se em aventura... perder-se e diante do imprevisto estar para ele... um projeto em construção... observar e perceber as pequenas coisas, minúcias... que muitas vezes não estão para não serem sentidas, diante de processos de é aquilo que atravessa o corpo do pesquisador em arte e o coloca em espanto. Não é qualquer coisa que é um incidente, mas sendo aquilo da ordem de um encontro que desloca o corpo, a imaginação para fora do imediato. Esse caderno foi sugerido como um modo de coletar objetos, memórias, paisagens, signos, que colocasse o pesquisador em alerta com a pesquisa em arte e consigo mesmo. Durante três semestres com o trabalho da disciplina ensino da pesquisa em arte esse caderno foi colocado como um dispositivo de criação, de digressão, de exercício da escrita inventiva, dando abertura para o pesquisador sentir seu corpo na pesquisa, gerando e dando vida ao seu processo de criação. O caderno/incidente, é uma maneira de criar uma intensidade inaudita em que a pesquisa fosse sendo incorporada no decorrer dessa travessia incidental. Essa seria uma espécie de estranha ecologia, traçar linhas, perfurar espaços mentais, criar formas materiais, desenhar seus mapas, suas composições nessa obstinação com desconhecido, pois se pesquisa aquilo que não se sabe, é aí que reside o valor dos saberes.

2-Exercícios Teóricos: Não se ensina sem teoria, não se produz conhecimento no vazio. Os exercícios teóricos em seu componente transversal vinham como alimento para forjar a lógica do sentido, despertar a alma e corpo. Em forma zigzagueante com os mais diversos elementos, textos acadêmicos, poesias, encontros de vivências entre comidas, memórias e afetos pulavam experiências, memórias... pois não se produz conhecimento em arte isolado, embora possa tomar essa forma no plano das



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

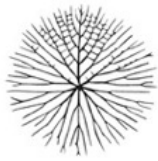
**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

materialidades dos objetos e ou dos textos acadêmicos. Esses exercícios como agenciamentos de enunciação. Um coletivo passa, vozes múltiplas atravessam a pesquisa em arte e o ensino em arte, como possibilidade de adentrar em outros seres. Textos que tencionam ética, produção de conhecimentos, estruturas irregcidas e violentas e carinhosas, espaços para respiros e escritas e escutas de suas próprias vozes como exercício de assujeitamento, como bell hooks pontua que no processo de transição corpo/objeto para corpo/sujeita/a, “a voz liberta”

3- Incidentes, poéticas e projeto de pesquisa:

“Ao reivindicarmos para arte um estatuto que lhe permita organizar e gerir sua epistemologia de acordo com suas particularidades no colocamos em uma frágil e preocupante posição. Caminhando assim pelas laterais do conhecimento produzido e quem anda muito pelo acostamento, pode com grande facilidade. Ser atropelado” (PAULINO, 2011, pág.13)

Essa afirmação da artista paulista, Rosana Paulino e que contempla nosso intuito na e para a pesquisa em arte, em que o trabalho de artistas e professor e pesquisa em arte não está, a priori, para pesquisas nas ciências experimentais. Portanto, sua elaboração não está efetivamente dada. Será constituída como um corpo é vivo, movente, que no transcorrer do processo seus movimentos passem por certas lentidões. Essa atividade, realizada ao longo do processo da disciplina envolve a montagem, desmontagem, assim como a territorialidade e a desterritorialidade do pesquisador em arte. Construimos com os alunes, em sala de aula e fora dela, viagens e deslocamentos para sentir... uma espécie de poética com os projetos, passeios errantes por águas e banhos de rio. Nos utilizamos de diferentes matérias para a sua composição, tendo como plano disparador: Imagem força da pesquisa; plano de forças da pesquisa: saber e não saber, plano de composição: objetivos e problema. Para a composição, os alunos mergulharam em diversas maquinações inventivas: mapas de escritas, vídeo-arte, imagem-desenho, criação de objetos, performance, dança, canto, vídeos, atuação...O exercício proliferou ensaios “poéticos” diversos para pensar, elaborar, reconstruir o projeto de pesquisa. Trata-se de construção de uma paixão ou um pensamento



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

apaixonado e comprometido sobre a função no campo da arte. Essa prática de ensino em arte, com a pesquisa em arte, exigiu das professoras ministrantes da atividade desterritorialidades e territorialidade. Saídas das feituas academicistas. A pesquisa em arte, deve pensar urgentemente, por suas próprias composições, podendo assumir, sem medo, que o seu saber é transversal, não é uma mera técnica de arranjos. A arte tem sua especificidade, lidar como criação dos possíveis, dos blocos de sensações, para isso, sendo necessário criar seus próprios meios. A experiência, ainda em processo, é uma forma de inspirar o pesquisador em arte a ousar no seu fazer, tomando o processo de experimentação como um desfundamento. Não se trata aqui dizer o como se ensina ou como se produz pesquisa em arte, antes, partilhar um processo, cambiante, incerto e nesse mover deixar brotar o por vir.

Referências Bibliográficas

- BACON, Francis. **Novum Organum**. In Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973.
- BARTHES, Roland. **Incidentés**. São Paulo : Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes)
- DESCARTES, René. **Discurso do método**; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas. 2. ed. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços**. Tradução: Eric Nepunuceno. Porto Alegre – L&PM, 2018.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir. Educação Como Prática da Liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes. 2017.
- _____. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução Catia Bocaiúva Maringolo. São Paulo : Elefante, 2019
- KILOMBA, Grada. **Quem Pode falar? Who Can Speak?** Tradução: Anne Caroline Quiangala.
- _____. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**; Tradução Jess Oliveira. – 1. Ed. Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.
- PAULINO, Rosana. **Imagens de Sombras** – São Paulo, 2011 (Tese de Doutorado/ECA/USP)
- ZAMBONI, Silvio Antonio. **Pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 1998.